



SIMON SCARROW

O DIA DOS CÉSARES

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

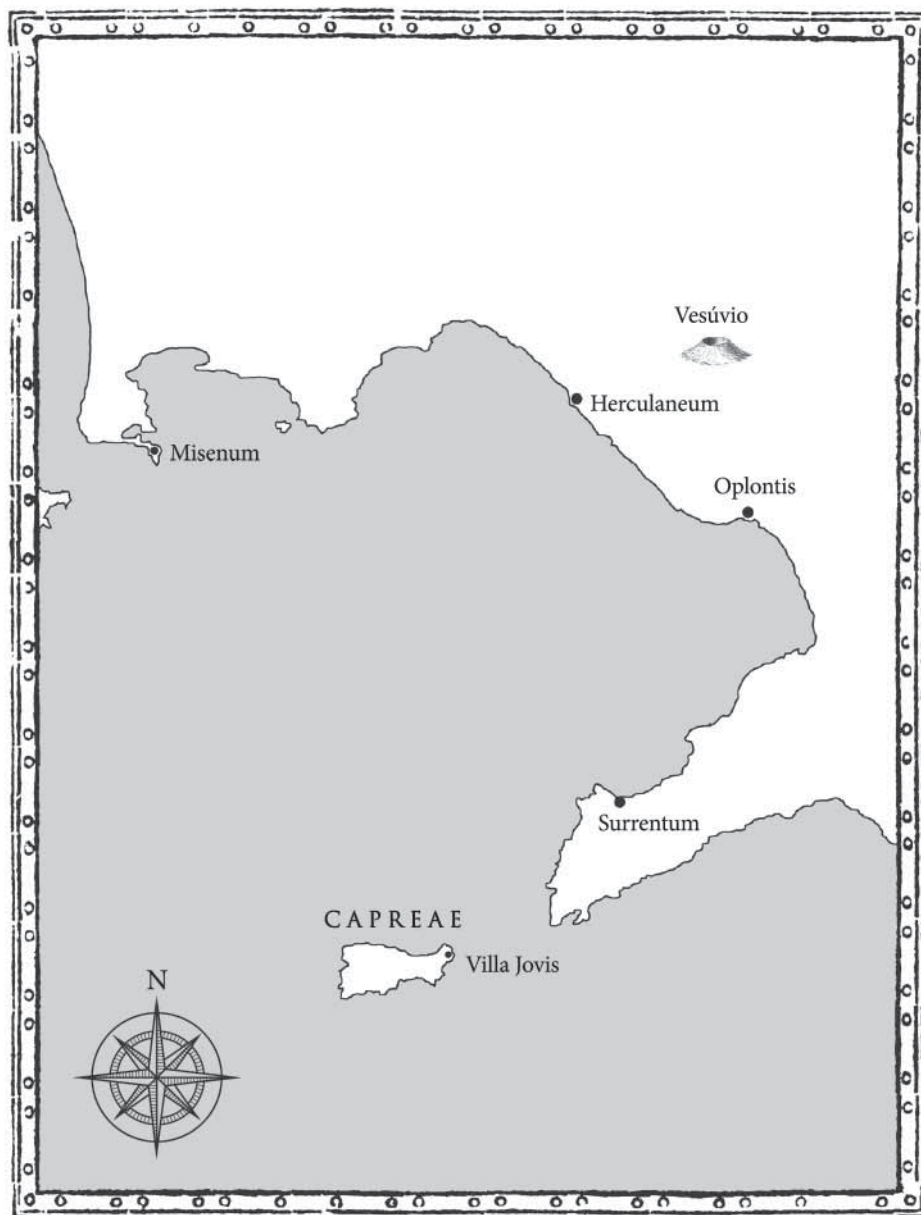
livros para fugir da rotina

Para o John Carr, que começou o clube dos livros,
e para os meus outros camaradas de leituras ao longo dos anos;
Ted, Jason, Phil, Andy, Peter, Trevor, John, Nick, Jeremy e Lawrence.

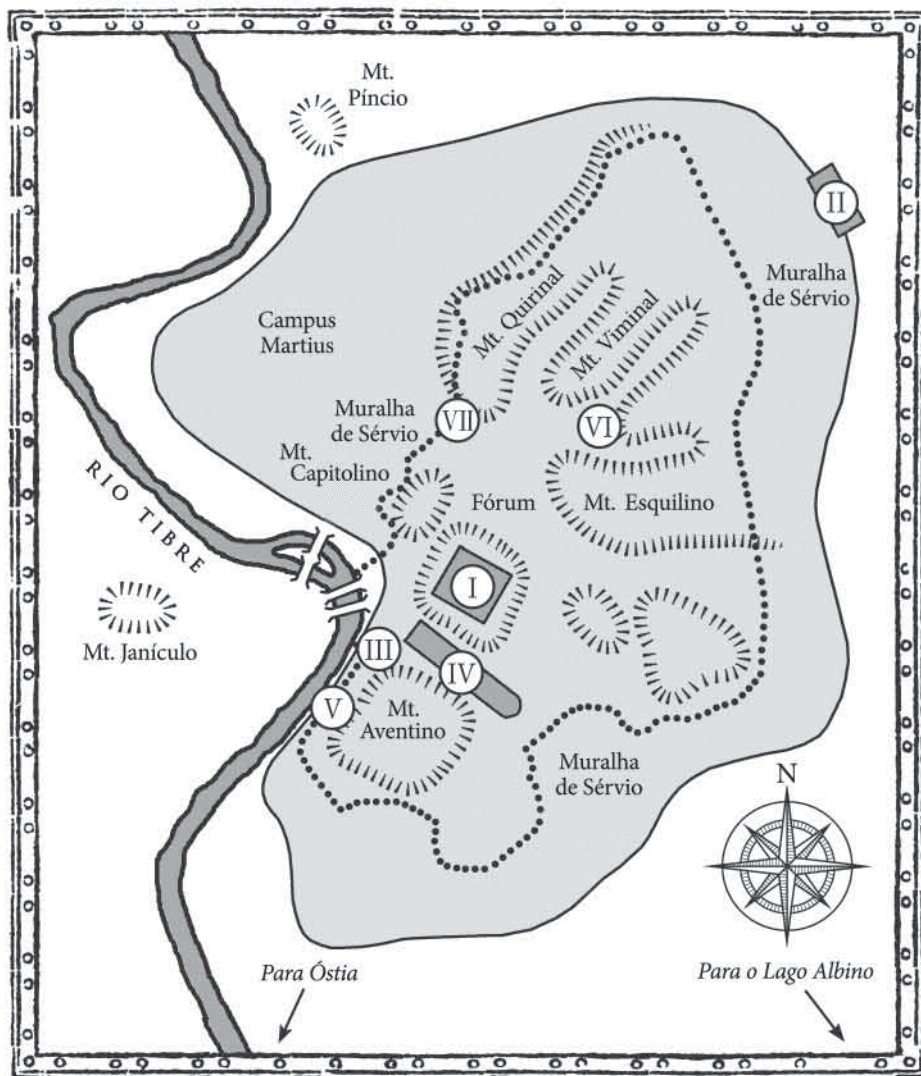
A ITÁLIA EM 54 d.C.



O SINUS CUMANUS
EM 54 d.C.
(A MODERNA BAÍA DE NÁPOLES)

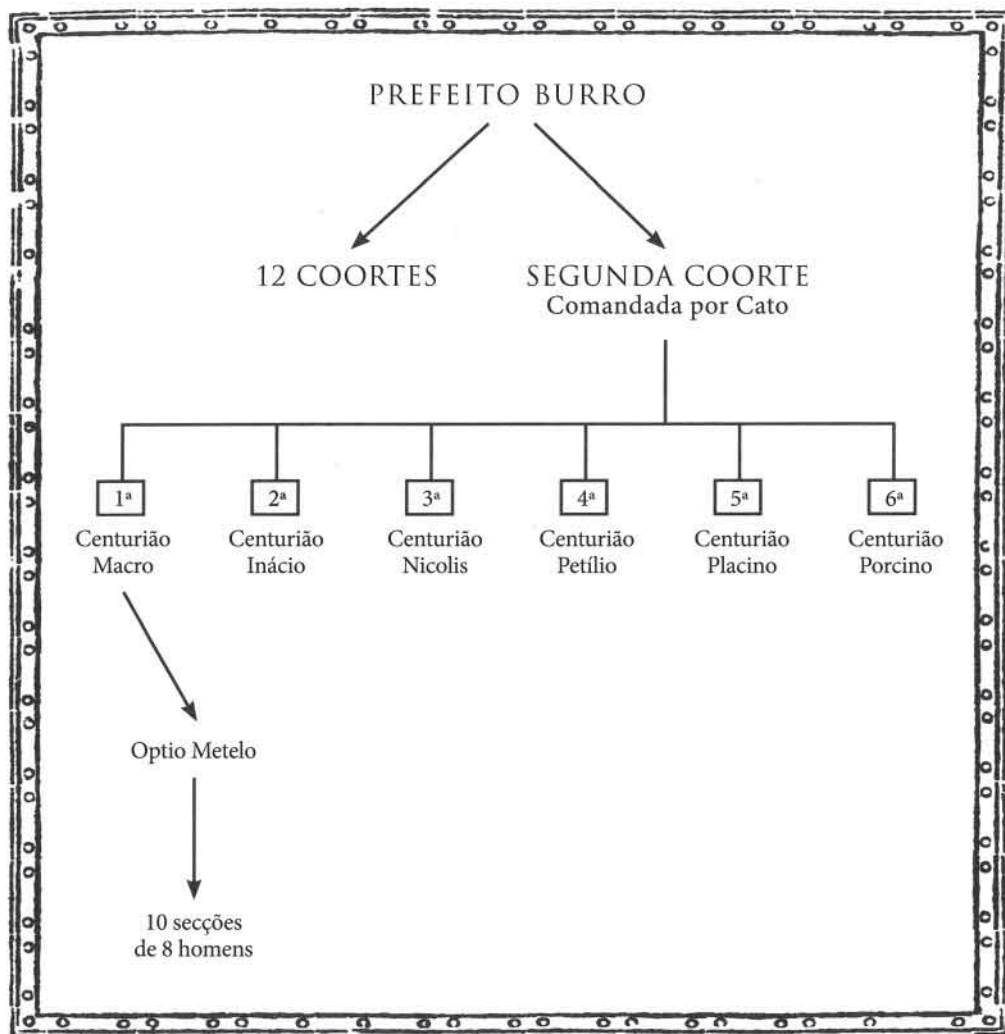


ROMA À ÉPOCA DO IMPERADOR NERO



- | | | | |
|---|------------------------------|---|-------------------|
| Ⓛ | Complexo do Palácio Imperial | Ⓥ | Zona dos Armazéns |
| Ⓜ | Quartel Pretoriano | Ⓦ | Bairro da Subura |
| Ⓝ | Boário | Ⓡ | Porta Flamínia |
| Ⓓ | Circo Máximo | | |

CADEIA DE COMANDO DA GUARDA PRETORIANA



LISTA DE PERSONAGENS

- Quinto Licínio Cato:** Prefeito da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana, um jovem oficial de grande potencial
- Lúcio Cornélio Macro:** Centurião da Segunda Coorte da Guarda Pretoriana, um veterano duro e experiente
- Nero:** O recém-coroadado Imperador de Roma; filho adotivo do falecido Imperador Cláudio, que tenciona dar início a uma nova “Idade do Ouro”, desde que consiga arranjar o ouro que lho permita
- Britânico:** Filho do falecido Imperador Cláudio; irmão adotivo de Nero, algo que muito lamenta
- Agripina:** Viúva do Imperador Cláudio, que tenta a todo o custo manter um ascendente sobre o filho
- Pallas:** Primeiro liberto do Imperador Nero, astucioso, implacável e ambicioso
- Vitélio:** Comandante da Força Expedicionária enviada à Hispânia; um aristocrata com grandes ambições
- Granico:** Senador, que viveu tempo suficiente para ver tudo, e por isso reprova os costumes de cada época
- Vespasiano:** Antigo legado da Segunda Legião e senador — um soldado capaz e honesto
- Domícia:** Esposa de Vespasiano, uma mulher com bastante mais ambição do que seria saudável para o esposo
- Amorilo:** Senador de Roma
- Júnia, Cornélia:** Esposas de senadores
- Atalo:** Agente ao serviço de Domícia
- Feno, Talino:** Espiões de Pallas
- Lemilo:** Almirante da frota de Miseno, um velho marinheiro que segue um rumo preciso
- Spiromandes:** Um navarca (comandante de esquadrão) da frota de Miseno

Pastino: Legado da Sexta Legião, com uma recomendável repulsa por advogados

Guarda Pretoriana

Burro: Prefeito que comanda a Guarda, ocupando um posto acima das suas capacidades

Mantalo: Tribuno

Tercílio: Comandante da Terceira Coorte

Cecílio: Tribuno júnior

Segunda Coorte Pretoriana

Cristo: Tribuno; antigo amante da falecida esposa de Cato, Júlia, e uma espécie de *playboy*

Placino, Porcino, Petílio: Centuriões

Metelo, Inácio, Nicolis, Ganico, Nerva: Optios

Rutílio: Porta-estandarte imperial

Outros

Júlia: Falecida esposa de Cato, de moralidade possivelmente duvidosa

Lúcio: Filho de Júlia e Cato, um rapaz vivaço...

Senador Semprônio: Pai de Júlia, um político honesto, e, portanto, uma espécie de raridade

Petronella: Ama de Lúcio, e uma mulher a ter sempre em consideração

Tribónio: Taberneiro da Subura

Décimo: Guarda-portão na casa de Vespasiano

Céfodo: Um reles advogado com escritório no Pátio dos Advogados no Boário

1

Roma, 54 d.C., perto do fim do ano

Começou, como é habitual nestas coisas, com umas bebidas a mais. Não é que as zaragatas fossem uma ocorrência rara na área da Subura, sobretudo num estabelecimento como o “Rómulo e o Lobo”, bem conhecido pelo vinho barato, pela jovial companhia feminina sempre disponível e pela presença de gente na posse de informações privilegiadas sobre as equipagens das corridas de quadrigas. Era uma das maiores tabernas do bairro, e ocupava todo o piso térreo de um bloco de apartamentos ao canto de uma pequena praça. Ao longo da parede do fundo corria um comprido balcão, a partir do qual o proprietário, Tribónio, geria uma pequena equipa de mulheres de pesada maquilhagem, que serviam bebidas aos clientes, além de refeições a escolher numa curta ementa e outros serviços àqueles que tinham apetites de cariz mais carnal. Em cada uma das portas que davam para a rua, estavam postados dois homens de constituição sólida, que verificavam se os clientes não levavam armas para o interior do estabelecimento. Alguns proprietários não tomavam precauções desse género por temerem afastar a clientela, mas Tribónio estava no negócio já havia mais de vinte anos, e tinha uma clientela bem definida, que aceitava as restrições que ele impunha para ter acesso aos prazeres que podiam encontrar no seu estabelecimento.

Naquela noite, cerca de um mês depois da morte do Imperador Cláudio, chovia, e as ruas de Roma luziam sob o constante silvar e batuque das gotas pesadas. O falecimento de Cláudio tinha sido recebido com um saudável grau de cautela e ansiedade da parte do povo comum na capital, e isso não fora o melhor para o negócio no “Rómulo e o Lobo”, já que muitos dos potenciais clientes preferiam manter-se longe das ruas, tanto quanto possível, receando problemas entre as fações rivais que apoiavam os filhos do Imperador, Nero e Britânico. O velhote podia ter sido um tanto desajeitado e tonto, mas tinha mantido o povo alimentado e entretido, e, mais importante ainda, o seu reinado fora estável, sem os episódios de crueldade gratuita e implacável dos dois Imperadores que o tinham precedido. Mas onde quer que se encontrassem dois herdeiros ao

mais poderoso Império do mundo conhecido, era impossível não existir tensão, para dizer o mínimo.

Nero, com dezasseis anos, era o mais velho dos dois rapazes, com três anos de diferença. Não era filho natural de Cláudio, e sim da Imperatriz, Agripina, que era por sua vez filha do irmão de Cláudio. O casamento entre tio e sobrinha havia exigido uma alteração à lei, mas os senadores tinham achado por bem esquecer uma questão de somenos, apenas um incesto, de forma a ganharem os favores do Imperador. E, assim, Nero tinha-se tornado legalmente filho de Cláudio. Contudo, o filho natural do Imperador, Britânico, via com maus olhos a imposição de um irmão adotivo, cujo estatuto de preferido depressa tinha sido alimentado pelo controlo que a mãe exercia sobre a mente e os desejos lúbricos do velho Imperador. E assim, nos anos finais do seu reinado, Cláudio criara inadvertidamente uma rivalidade que ameaçava a paz em Roma. Apesar de a Imperatriz se ter apressado a anunciar que o seu filho era o sucessor ao trono, era bem sabido que Britânico e os seus aliados não aceitavam essa proclamação, e era, pois, compreensível que os cidadãos comuns se mostrassem apreensivos enquanto observavam e esperavam que aquela questão fosse resolvida.

Um grupo de guardas pretorianos, envoltos nas suas pesadas capas, entraram na praça e apressaram-se a dirigir-se à estalagem, enquanto conversavam e riam em tom elevado. Sentiam-se à vontade para o fazer, já que os pretorianos eram os meninos queridos dos Imperadores, que os recompensavam generosamente pela lealdade que lhes mostravam. E o novo Imperador não era exceção. Cada um dos guardas de Roma recebera uma pequena fortuna quando do anúncio da ascensão de Nero ao trono, e tinham por isso as bolsas a transbordar de prata. Ao ver os soldados a entrar, Tribónio acolheu-os com um largo sorriso, enquanto eles baixavam os capuzes e tiravam as capas ensopadas, que penduraram nos ganchos numa das paredes laterais, antes de se aproximarem do balcão para pedirem as primeiras bebidas. Moedas cunhadas de fresco foram batidas na superfície suja e desgastada de madeira, e taças e ânforas de vinho foram trazidas da despensa e passadas para as mãos dos soldados sedentos.

Não eram os primeiros guardas a procurar os serviços da taberna naquela noite. Um grupo mais pequeno tinha chegado um pouco antes, e instalara-se num canto, em bancos que rodeavam uma mesa. A disposição destes homens era claramente menos jovial, apesar de também eles terem sido alvo da generosidade do Imperador; o homem que os liderava virou-se para contemplar os pretorianos ao balcão, e franziu o sobrolho.

— Idiotas — resmungou. — O que pensarão eles que estão a celebrar?

— Um ano extra de salário, para começar — lembrou o homem que se sentava ao seu lado, com um sorriso leve. Ergueu a taça. — Um brinde ao nosso novo Imperador.

O gesto foi recebido com um silêncio desanimado pelo resto dos soldados em torno da mesa, e o homem prosseguiu, num tom recheado de ironia:

— Então, rapazes? Ninguém se junta a mim num brinde ao nosso amado Nero? Não? Estão todos tão rabugentos como tu, Prisco.

O líder afastou a atenção dos homens ao balcão.

— Pois, Piso, não há falta de razões para nos sentirmos miseráveis com aquele pelintra no trono. Tens estado de serviço ao palácio tanto como eu, portanto já tiveste ocasião de o ver de perto. Sabes bem como ele é. Sempre a encher-se de iguarias, enquanto se passeia com os seus atores e poetas. E tem aquele traço malévolo. Lembras-te daquela vez em que tivemos que o escoltar numa das suas saídas anónimas à cidade? Quando se meteu naquela discussão com o velhote e nos obrigou a mantê-lo preso à parede enquanto ele o apunhalava até à morte?

Piso abanou a cabeça ao recordar o momento.

— Não foi o nosso melhor momento, tenho que concordar.

— Não — repetiu Prisco, por entre dentes cerrados. — Nem de perto. E agora que é Imperador, vai ser pior. Vais ver.

— Pelo menos pagou-nos bem.

— A alguns — retorquiu Prisco. — Ainda há os rapazes que estiveram em campanha na Hispânia. Não vão ficar nada felizes por não terem direito ao seu quinhão de prata quando regressarem a Roma.

— Quanto a isso, não estás enganado... Mas, de qualquer maneira, o que é que te faz pensar que o irmão mais novo seria muito melhor se fosse ele o Imperador?

Prisco pensou nisso por momentos e encolheu os ombros.

— Talvez não fosse muito melhor. Mas o Britânico não é parvo. E foi educado desde criança para governar o Império. Além disso, é do sangue e da carne do Cláudio. Ser Imperador é um direito que lhe assiste por nascimento. Em vez disso, o pobre rapaz foi afastado graças aos esquemas daquela puta da Agripina e daquele oleoso cabrão do Pallas.

À menção do mais chegado conselheiro do novo Imperador, Piso olhou em volta, ansioso. A estalagem era o género de sítio frequentado por espões imperiais e por informantes, que se dedicavam a escutar as conversas e depois apontar indivíduos problemáticos a quem lhes pagava no palácio.

Era sabido que Pallas mostrava tanta falta de tolerância para com quem o criticava como para com quem se atrevesse a pôr em causa o Imperador. Porém, não parecia haver ninguém atento ao que se discutia entre eles, e Piso sorveu um pequeno gole de vinho antes de lançar um olhar de aviso ao amigo.

— Prisco, será melhor teres tento na língua, antes que te metas, e a nós todos, em trabalhos. Também eu teria preferido que fosse Britânico o nosso novo Imperador, tanto como tu, mas não é, e não há nada que possamos fazer quanto a isso.

Prisco lançou um breve sorriso.

— Tu e eu, talvez não. Mas há quem planeie fazer alguma coisa.

— O que é que queres dizer?

Antes que Prisco pudesse responder, foram interrompidos por uma sonora gargalhada nas suas costas.

— Ora bem, rapazes, é o nosso amigo Prisco e o seu grupinho de mal-encarados!

Prisco reconheceu imediatamente a voz, mas não se dignou virar-se. Em vez disso, pousou a taça e falou alto.

— Olha, BÍBLIO, porque é que não te vais foder e me deixas beber em paz?

— Porque é que não me vou foder? — O recém-chegado avançou até à cabeceira da mesa e olhou de alto para Prisco e os seus companheiros. — Isso é lá maneira de saudar um velho camarada que traz oferendas?

Puxou a tampa da ânfora de vinho que trazia debaixo do braço e encheu o copo de Prisco, antes que este pudesse esboçar qualquer gesto; depois, ergueu a sua taça e dirigiu-se aos homens à mesa.

— Ora bem, rapazes. Quem se junta a mim num brinde ao nosso benfeitor? Ao Imperador Nero, que os deuses o protejam! — Despejou o copo de uma vez, antes de o atirar para o chão, onde se desfez em cacos, e limpar os beiços com as costas da mão. — Boa pinga.

Nenhum dos outros homens tinha correspondido ao brinde, e ele olhou para eles enquanto franzia uma sobrancelha.

— O que se passa? Não bebem ao nosso Imperador? Cheira-me a deslealdade por aqui. — Olhou para os seus amigos, amontoados ali perto. — O que acham, rapazes? Dá-me ideia de que estes aqui não têm grande opinião do Nero. Alguns seriam capazes de dizer que isso é mais do que deslealdade. Talvez seja mesmo uma traição. Talvez esperassem que aquele fedelho merdoso do Britânico chegasse ao púrpura? Mas a verdade é que o nosso rapaz ganhou.

O vosso perdeu. A escolha foi feita, e vocês só têm é que parar de resmungar e aguentar as coisas como elas são.

Prisco levantou-se lentamente e ergueu o copo, enquanto confrontava BÍBLIO.

— Irmão, as minhas desculpas. Onde estavam as minhas maneiras?

Fez girar o pulso calmamente, e uma linha de vinho de um vermelho-escuro escorreu sobre a mão de BÍBLIO. Prosseguiu com o mesmo movimento, subindo pelo braço de BÍBLIO, derramando mais vinho sobre os ombros do outro e depois sobre a cabeça, onde deu uma sacudidela à taça para fazer cair as últimas gotas. Depois baixou a mão e encarou BÍBLIO em silêncio, enquanto este recuperava do assombro.

— Prisco, vais arrepender-te disto.

— A sério?

De repente, Prisco lançou a taça contra o rosto de BÍBLIO, esmagando-a e partindo o nariz ao outro. Depois, enquanto a sua vítima cambaleava, o sangue a escorrer-lhe pela face, bradou aos seus amigos:

— Estão à espera de quê? A eles, porra!

Soltando um rugido coletivo, os seus companheiros saltaram, derrubando os bancos e virando a mesa de pernas para o ar, antes de se atirarem sobre os outros pretorianos, os punhos cerrados como martelos. Prisco manteve a atenção centrada em BÍBLIO. Sempre o tinha considerado um imbecil fala-barato, e era tempo de lhe dar a merecida lição. Correu para ele e lançou um gancho que esbarrou no queixo do outro, fazendo-lhe saltar a cabeça para trás, e prosseguiu com um soco no estômago e um par de murros no queixo, fazendo-o recuar aos solavancos até recuperar o equilíbrio.

BÍBLIO olhou para Prisco com sangue a raiar-lhe os olhos.

— Tu estás morto! — gritou. — Morto, foda-se!

Mas antes que pudesse cumprir a promessa, Prisco carregou de novo sobre ele e aplicou-lhe outro murro. BÍBLIO desviou a cabeça para trás para o evitar, mas foi demasiado lento, e levou com todo o peso do golpe na garganta. Prisco sentiu ossos e cartilagens a cederem, e BÍBLIO soltou um grunhido e levou as mãos ao pescoço, enquanto lutava para respirar. De punhos erguidos e semiagachado, Prisco aguardou que o outro respondesse. Mas BÍBLIO deu mais alguns passos para trás, ainda agarrado ao pescoço, enquanto as mandíbulas trabalhavam freneticamente, e os olhos quase lhe saltavam das órbitas. Depois tropeçou num banco e caiu para trás, pesadamente, de tal forma que o crânio embateu nas lajes do soalho. Ali ficou, de olhos fixos no teto; piscou-os algumas vezes, estremeceu, e não mais se moveu.

Prisco aproximou-se desconfiado, mas a rixa decorria junto ao balcão, e ele não era ameaçado por ninguém. Deu um toque com a ponta da bota no corpo de Bíblico.

— Levanta-te!

Não obteve resposta, pelo que lhe aplicou um pontapé.

— De pé, sacana, para veres o que acontece aos que apoiam o Nero.

Bíblico recebeu o pontapé mas não respondeu, e o primeiro tremor de medo percorreu a nuca de Prisco. Desfez os punhos e aproximou-se com cuidado do outro homem, agachando-se junto a ele.

— Bíblico?

— Ele está morto!

Prisco olhou para cima e viu uma das raparigas do bar a olhar para si. Tinha uma mão na boca, chocada.

— Deste-lhe tantas que ele morreu!

— Não. Eu...

— E ele está MORTO! — gritou ela.

Alguns dos pretorianos olharam para lá, e muitos interromperam a refrega para tentar perceber o que se estava a passar. Prisco abanou a cabeça enquanto contemplava o homem que derrubara. Sabia que a rapariga tinha razão.

— Mas foi um acidente...

Bíblico estava morto. Tão certo como o Sol se erguer e se deitar todos os dias. E havia apenas uma pena para aqueles que matavam camaradas de armas. Levantou-se e recuou para a entrada.

— Mataste-o. — Um dos homens de Bíblico espetou o dedo na sua direção.

Prisco virou-se e desatou a correr para a rua, sem a capa, para o meio da pesada chuva. Sem pensar, seguiu na direção oposta à do campo pretoriano e acelerou, saltando pela rua enquanto os gritos na estalagem o seguiam.

Tinha percorrido uma curta distância quando ouviu alguém a gritar nas suas costas.

— Lá vai ele!

Voltou a acelerar, correndo o mais depressa que podia, até que, pouco adiante, avistou a abertura de um beco escuro, e meteu por lá. Virou na primeira à direita, depois à esquerda, e prosseguiu com esforço. Os sons de perseguição continuaram a segui-lo durante algum tempo, mas por fim começaram a ficar à distância. Ele continuou a correr, pondo maior distância entre si e os perseguidores, até finalmente se deter numa rua já próxima do fórum, e se esconder nas sombras de uma arcada, enquanto tentava recuperar o fôlego.

Tinha acabado de matar um homem. Fora um acidente, um mero acidente.

Mas isso não o livraria dos rigores da disciplina militar. E se se deixasse capturar, estava morto. Sobretudo se fossem tidos em conta os seus sentimentos contra Nero. A divisão de lealdades no seio da Guarda Pretoriana já começava a deixar nervosos os oficiais superiores. Não deixariam de o transformar num exemplo, tanto para mostrar o que sucedia aos que se opunham a Nero, como para o punir pela morte de um camarada.

Só havia um sítio para onde podia ir. Um lugar onde encontraria outros que pensavam como ele. Que o esconderiam até que a situação acalmasse. Outros que aguardavam pelo momento certo para derrubar o usurpador Nero e liquidar todos os membros da sua facção. Não iam ficar satisfeitos com as suas ações, mas tinham necessidade das suas competências particulares, e não se podiam dar ao luxo de lhe negar abrigo.

Quando recuperou o fôlego, a chuva já tinha parado, e pôde pôr em marcha o seu plano de ação. Prisco emergiu da arcada, endireitou as costas e afastou-se, tentando dar o ar de um homem que nada tinha a perturbar-lhe a consciência. Sabia exatamente onde se dirigia e onde o futuro o levaria.

O festim que marcava o fim dos jogos de Sula mal tinha começado quando os visitantes sem convite apareceram em casa do senador Semprônio. Era uma habitação modesta pelos padrões da maior parte dos aristocratas do seu nível, mas a verdade é que Semprônio nunca tinha usado o seu nome de família para obter favores ou alguma lucrativa concessão de coleta de impostos. Tinha mesmo autorizado a sua única filha a contrair matrimónio com alguém de estatuto inferior, e ela casara com Quinto Licínio Cato, um jovem oficial do exército, com um futuro promissor. Apesar de Júlia ter entretanto falecido, dera ao senador um neto que daria continuidade ao nome da família.

A morte do Imperador Cláudio, havia apenas um mês, não tinha constituído grande surpresa para os habitantes de Roma, refletiu Semprônio. O Imperador estava velho e cada vez mais decrépito, e raramente era visto em público. A sua morte tinha sido descrita como pacífica, e dizia-se que partira rodeado por membros da família imperial e pelos seus mais próximos conselheiros. O seu sucessor tinha sido anunciado praticamente no mesmo fôlego, o que levava os mais cínicos habitantes da capital a observar que a coroação de um novo Imperador demorava tempo a preparar, e que o mais provável era que o corpo de Cláudio tivesse sido deixado a apodrecer nalgum compartimento esquecido enquanto os apoiantes do seu sucessor se empenhavam em garantir a sua posição.

E, assim, Nero Cláudio César Augusto Germânico fora apresentado ao povo de Roma como seu novo governante. Porém, havia rumores de que Cláudio tinha sido assassinado pela sua jovem esposa. Envenenado. Agripina podia bem ter conseguido assegurar o manto púrpura para o seu filho, mas não era segredo que havia muita gente de influência decididamente oposta a Nero. O tipo de gente que se poderia facilmente encontrar entre os convidados do senador Semprônio naquela fria noite de dezembro.

As nuvens tinham-se afastado, e o céu noturno estava limpo. Mesas e

poltronas haviam sido dispostas em volta de um grande pátio nas traseiras da casa, e os convidados do senador aqueciam-se graças a braseiros enquanto se serviam de iguarias várias, distribuídas pelas travessas que lhes eram oferecidas. O anfitrião sentava-se no lugar de honra, num estrado elevado, com os mais prestigiados dos convidados dispostos aos seus lados. À direita estava Britânico — um jovem inteligente mas macambúzio, que se entretinha a debicar a crosta de uma empada de veado enquanto a contemplava com ar distraído. Atrás da sua poltrona estava o seu iletrado escravo pessoal, um antigo gladiador de físico formidável, cuja língua tinha sido cortada para garantir que ele nunca falaria do que quer que fosse que pudesse escutar.

Semprónio virou-se para a esquerda, e discutia as novidades vindas da Hispânia com um senador de ar rotundo e cabelo curto e a sua esposa, quando a atenção lhe foi atraída pelo chefe dos escravos, fazendo-lhe sinais frenéticos do corredor que levava à porta da frente. Semprónio levou as pontas dos dedos aos lábios.

— Perdoa-me, por favor, Vespasiano. Parece que a minha presença é necessária.

O convidado fez uma careta.

— Como?

Semprónio indicou o escravo, e a esposa de Vespasiano anuiu, compreensiva.

— Nem sequer na tua própria festa podes estar sossegado. É cansativo.

— De facto. Por favor, não te prendas com isso, Domicia, e aproveita estas entradas. Acho que vais descobrir que o meu cozinheiro não tem igual nas artes da confeção culinária.

Semprónio lançou um sorriso, rodou o corpo, sentou-se na beira da poltrona e levantou-se. Sacudiu as migalhas da túnica e seguiu pela parte lateral do pátio até onde o escravo o aguardava, com uma expressão ansiosa.

— O que se passa? — inquiriu Semprónio. — Não me digas que é aquele maldito tocador de lira? Ajustaste com ele o preço que te indiquei, não foi?

— Não é isso, senhor. — Croton abanou a cabeça. — Está à porta um homem do palácio. Diz que foi Pallas quem o enviou.

— Pallas? — Semprónio franziu as sobrancelhas. O que poderia o liberto imperial querer-lhe àquela hora? Era evidente que o homem estava a mostrar o poder que tinha, agora que o miúdo que ele tinha escolhido apoiar se encontrava no trono. Pallas tinha feito uma fortuna nos tempos do anterior Imperador, e agora, com Nero, estava a preparar-se para enriquecer ainda mais. Era uma das mais disparatadas características daquela época que humildes — para lá de

pouco honestos — libertos pudessem deter mais poder e influência do que o Senado. Os membros dessa augusta instituição tinham governado Roma desde o tempo em que o último dos reis fora derrubado, até ao advento dos Césares. E agora os senadores viviam à cada vez mais longa sombra dos Imperadores, embora muitos ainda albergassem sonhos de um regresso aos gloriosos dias da República, quando os homens seguiam o ideal de Roma e não uma linhagem de déspotas quase divinos afligidos por acessos mercuriais de crueldade, loucura e estupidez.

— Muito bem, então. Vamos lá ver o que quer ele.

O senador seguiu Croton pelos corredores da casa, até ao átrio da entrada. Uma figura esguia numa túnica azul da casa imperial esperava junto à porta reforçada. Fez um breve cumprimento, dobrando a cabeça antes de falar.

— Senador Semprónio, trago-lhe saudações em nome de Marco António Pallas, primeiro liberto imperial.

— Primeiro liberto? — Era um título que Semprónio nunca escutara antes. Era evidente que Pallas procurava solidificar a sua posição junto de Nero.

— Sim, senhor. O meu senhor pede-me que o informe de que o Imperador e o seu séquito pretendem honrá-lo com uma visita à sua morada.

Alarmado, Semprónio sentiu o pulso a acelerar.

— E disse porquê?

— Foi-me indicado que lhe devia dizer que era uma visita social, senhor. — O ligeiro sorriso do escravo deixava perceber que a ansiedade que aquela notícia provocaria ao senador tinha sido antecipada. — O meu senhor salienta que não existe qualquer causa para preocupação.

— Porra, e eu estou lá preocupado! — irritou-se Semprónio. — Mas quem se acha esse liberto autopromovido, afinal?

O escravo abriu a boca para responder, mas pensou melhor e curvou o pescoço, num inútil gesto de deferência. Semprónio encarou-o furioso, mas obrigou-se a acalmar-se.

— Muito bem, quando terá então lugar essa visita do Imperador? Vou ter que enviar o meu cozinheiro ao fórum logo pela manhã. Há alguma coisa de que o Imperador goste particularmente?

— Senhor, ele virá visitá-lo esta noite ainda.

— Esta noite?

O senador trocou um rápido olhar com Croton. O festim tinha levado muitos dias a preparar, e agora iam ter que o interromper e despachar os convivas o mais depressa possível.

— A qualquer momento, senhor. Fui enviado à frente para anunciar a sua chegada quando o séquito imperial começou a subir a colina.

O sópé do Viminal não ficava a mais de uns quatrocentos metros dali, e enquanto começava a calcular o tempo que a comitiva imperial ia levar a chegar-lhe à porta, Semprônio ouviu o ruído de botas cardadas a esmagar a gravilha do piso na rua, e uma voz a ordenar num tom que não admitia discussão que se abrisse caminho. Não havia tempo para se preparar para receber os visitantes inesperados. Engoliu em seco, nervoso, e acenou a Croton.

— Abre a porta.

O escravo fez deslizar a tranca de ferro e abriu as pesadas portadas para o interior, provocando o ranger das dobradiças. O ar frio invadiu o átrio, trazendo consigo o fedor a lixo, suor e vegetação apodrecida que reinava nas ruas. Minúsculas chamas que luziam nos pequenos braseiros pendurados dos dois lados da porta lançavam um pouco de claridade sobre a rua pavimentada que passava pela frente da casa do senador. Para a esquerda, a rua inclinava-se na direção do fórum, e, a menos de trinta passos, Semprônio avistou uma tocha que era empunhada bem alto por um guarda pretoriano. O capacete emplumado de um oficial vinha atrás dele, seguido pelo brilho baço das armaduras de uma pequena coluna de soldados. Mais atrás, duas liteiras dançavam suavemente, enquanto os seus portadores tentavam acompanhar o passo dos guardas. Entre a casa e a comitiva imperial, iluminada pela luz que se escapava do interior de uma taberna na esquina, estavam vários jovens, de polegares enfiados nos seus cinturões de couro, com ar de desafio. Alguns ainda tinham nas mãos as taças de barro por onde bebiam.

— Vocês aí! Saiam do caminho, já avisei! — gritou o oficial pretoriano. — Se não querem sentir a folha da minha espada a aconchegar-vos os traseiros. Mexam-se!

O maior dos jovens, o rosto cheio de marcas e rodeado por caracóis de cabelo escuro, deu um passo em frente, e pôs a cabeça numa posição inclinada.

— Companheiros, o que é isto? Visitantes aqui na nossa rua? Não me lembro de os ter convidado.

O bando, de espírito ousado graças ao vinho barato, gargalhou e mandou dichotes aos pretorianos que se dirigiam para eles.

— Amigo, em nome de quem é que vens visitar o nosso bairro?

— Em nome do Imperador! Afastem-se imediatamente, a não ser que prefiram ser lançados às feras.

Um dos jovens levou os dedos à boca e soprou, emitindo um assobio de gozo. O chefe do bando esvaziou a taça e, de repente, atirou-a contra os

soldados. Atingiu a crista do capacete do oficial, explodindo a taça em fragmentos e numa chuva de borras do vinho.

— Sacanas de merda! — gritou o oficial. — Vão apanhar!

Arrancou a espada da bainha, afastou o homem que transportava a tocha e carregou sobre os jovens. O líder destes virou-se rapidamente.

— Rapazes, hora de dar corda aos pés!

O grupo correu pela rua, soltando gritos de gozo, e passou pela casa de Semprônio antes de meter por um beco estreito um pouco mais à frente, as gargalhadas a desaparecerem à distância. O oficial colocou a espada na bainha enquanto soltava uma imprecação em voz baixa, e continuou a levar o grupo até à entrada, proferindo uma ordem. Os guardas detiveram-se e passou um instante, até que o oficial gritou novas ordens, que fizeram com que pares de homens corressem a tomar posição de forma a guardar as ruas e becos mais próximos da casa de Semprônio. Assim que se colocaram todos nas suas posições, o oficial mandou avançar as liteiras e virou-se, para saudar Semprônio.

— Sexto Afrânio Burro, prefeito da Guarda.

Semprônio nunca o tinha visto, mas conhecia o nome. Burro era um dos oficiais promovidos nos últimos meses do reinado de Cláudio, graças às insistências de Pallas e da Imperatriz, e era um apoiante da ascensão de Nero.

Não havia tempo de devolver a saudação, já que a primeira das liteiras se tinha detido à frente da entrada da casa. O chefe dos portadores deu uma ordem quase em surdina, e a liteira foi suavemente descida até ao solo. Deu-se uma breve pausa, durante a qual Semprônio conseguiu ouvir uma breve troca de palavras, antes de uma mão se meter por entre os folhos da cortina que rodeava a liteira e a abrir. Surgiram umas botas de cabedal vermelho vivo, e o Imperador em pessoa levantou-se, antes de se espreguiçar. Fez questão de ignorar Semprônio enquanto oferecia a mão à mãe, e no momento seguinte Agripina estava ao seu lado, o cabelo cuidadosamente arranjado um tanto desalinhado, enquanto puxava a estola de forma a cobrir o ombro. Semprônio avistou uma pequena mancha vermelha, como a marca de uma dentada, no pescoço da mulher, e afastou imediatamente o olhar.

Nero colocou um braço em torno da cintura da mãe, virou-se para o senador e falou num tom que dava a ideia de que se tinham encontrado por acaso em plena rua.

— Ah! Meu caro senador Semprônio! É um prazer encontrar-te.

Semprônio dobrou-se.

— O prazer é meu, majestade imperial.

— Estou certo disso. Mas deixemos as formalidades de lado. Somos todos amigos aqui.

— Honrais-me.

Nero fez um gesto displicente com a mão, antes de prosseguir.

— Soube que estás a receber alguns amigos esta noite. Um festim, ao que parece.

Semprónio anuiu.

— Uma modesta reunião.

— Pelos padrões do palácio, estou seguro de que sim. Soube também que tens o meu irmão de adoção entre os teus convidados.

— Sim, majestade imperial.

Nero aproximou-se de Semprónio, de tal forma que os rostos dos dois ficaram a poucos centímetros de distância. Encarou o senador em silêncio, e depois inclinou a cabeça subitamente, enquanto lhe dava uma palmada no peito.

— Como disse antes, vamos manter isto informal. Podes tratar-me por Nero, esta noite.

O passageiro da outra liteira tinha-se levantado também, e aproximava-se. Quando foi banhado pelo brilho das chamas dos braseiros, Semprónio identificou Pallas. O liberto imperial usava uma túnica de seda em tons roxos, por baixo de uma capa de lã macia. Nos dedos brilhavam-lhe ouro e joias.

Nero voltou-se para ele.

— O Britânico está cá, como disseste.

Pallas soltou um sorriso trocista.

— Claro. A questão é, *porque é* que ele está cá?

A pergunta era dirigida a Semprónio, mas o liberto continuava a sorrir na direção do Imperador, como se o senador fosse apenas um laçaiço à espera de servir o séquito imperial. Semprónio engoliu em seco, ansioso. Pallas virou para ele os seus olhos escuros.

— Então, senador?

— Fui um colaborador próximo do Imperador Cláudio, e conheci o Britânico ainda ele era uma criança. Era meu dever protegê-lo nessa altura, como é agora. Sinto que devo isso ao seu pai, que sempre foi bom para mim e agiu como meu patrono.

— Muito nobre da tua parte. — Nero sorriu. — Estou certo de que o meu falecido pai te ficaria grato pela amizade que nutres pela sua carne e sangue. E agora, podes dar-nos o prazer de nos conduzires até ao festim. Estamos esfo-meados. Vamos!

Sem esperar por convite, o Imperador e a sua mãe passaram pela entrada

e atravessaram o modesto átrio na direção do corredor que atravessava toda a casa e desembocava no pátio das traseiras. Pallas deixou ordens a Burro, para garantir que ninguém entrava ou saía da casa sem primeiro obter permissão do liberto, e seguiu-os. Semprônio apressou-se a correr atrás dele e seguir ao mesmo ritmo.

— Gostaria de ter tido notícia desta visita com algum avanço — disse, num tom calmo, mas vincado.

— E eu teria apreciado informações sobre o paradeiro de Britânico. Deixou o palácio sem avisar ninguém. Ninguém deu pela falta dele até a família imperial se preparar para o jantar. Quando ele não apareceu, não foi preciso muito tempo até um dos seus escravos deitar cá para fora a verdade. No pé em que estão as coisas, estou certo de que podes compreender que possa existir alguma desconfiança sobre uma ausência inexplicada de Britânico do palácio.

Semprônio deitou-lhe uma espreitadela de lado. Se o príncipe era alvo de desconfiança, o mesmo não deixaria de se passar com aqueles com quem ele se dava.

— Estou certo de que não há nada de sinistro na base da sua aceitação de um convite para a minha casa. Como disse, eu e ele somos amigos.

— Amigos — anuiu Pallas. — Isso é bom. Neste momento, um homem precisa de todos os amigos que conseguir. Tem que saber exatamente em quem pode confiar, e em quem não pode, e agir em conformidade. E isso aplica-se a todos nós, meu caro senador Semprônio, do mais miserável dos moradores da Subura até ao próprio Imperador. Compreendes?

— Perfeitamente.

Pallas deu-lhe uma palmada no ombro.

— Excelente. Seja como for, encontrámos Britânico, e podemos esquecer as preocupações.

Emergiram do corredor mesmo atrás de Nero e da sua mãe, e no tempo de um bater de corações o burburinho das conversas morrera e tinha-se instalado o silêncio, à exceção do correr da água que jorrava de uma fonte. Semprônio olhou para o estrado elevado e viu Britânico a observar a cena, apreensivo.

Então Agripina bateu as palmas e soltou um alegre comentário.

— Que cenário tão adorável! É como se um pouco de charme rústico tivesse aterrado aqui mesmo no coração da nossa sufocante capital. E tantas caras conhecidas!

Adiantou-se até junto dos convidados mais próximos e saudou-os pelos nomes, enquanto eles se apressavam a levantar-se em sinal de respeito.

— Por favor, deixem-se estar sentados. Não queremos provocar espalhafato; apenas juntar-nos à festa sem fazer disso um escarcéu. Senador Granico, muito prazer. E tu, minha cara Cornélia.

Nero avançou para se juntar à mãe e seguiu-a, enquanto ela percorria toda a área até ao estrado onde Semprónio estivera instalado com os seus convidados de maior destaque. O senador virou-se e deu ordens ao chefe dos escravos.

— Depressa, vai arranjar mais umas poltronas para a mesa de honra.

Nero ouviu-o, e abanou a cabeça.

— Tal não é necessário, meu amigo. Põe-nos onde houver espaço. Não é preciso fazer disto uma grande confusão.

Vespasiano e a esposa já se tinham erguido das suas poltronas, e afastavam-se enquanto Agripina se aproximava deles.

— Têm a certeza?

Vespasiano dobrou o pescoço.

— Por favor, não nos incomoda. Nós arranjam os outros lugares.

— Muito agradecida. — Agripina lançou um sorriso peculiar a Domícia.

— Tens um esposo muito cortês. Um verdadeiro cavalheiro, sem dúvida.

— Sim — replicou Domícia sem vontade de alimentar a conversa. — É-o, decerto.

Agripina voltou-lhes as costas e deitou-se graciosamente na poltrona, enquanto dava umas palmadas nas almofadas vazias a seu lado.

— Vem, Nero. Senta-te aqui ao pé da tua mãe.

Ele fez o que lhe era pedido, enquanto admirava as iguarias açucaradas que estavam dispostas à sua frente. Pallas, sensível ao seu estatuto social inferior, manteve-se por trás da poltrona, com as mãos cruzadas. Agripina olhou em redor para os convivas, que continuavam a contemplar a cena em silêncio.

— Prossigam com a refeição. Semprónio, por favor, senta-te no teu lugar. Ali. Ora muito bem.

Um a um, os convivas começaram a conversar em tom baixo, mas depressa os murmúrios subiram de volume, enquanto as pessoas se serviam de iguarias para encher os pratos de prata. Agripina aguardou até que ela e Nero deixassem de ser o foco de todas as atenções, e virou-se para enfrentar Britânico. O príncipe devolveu-lhe o olhar sem desviar os olhos, mas Semprónio reparou que as mãos dele tremiam. A madrastra inclinou-se para ele e apresentou-lhe o rosto.

— Beija-me, meu querido.

Lutando para conter o nervosismo e a repulsa, Britânico engoliu em seco e esticou o pescoço para encostar os lábios ao rosto empoeirado, antes de os retirar apressadamente.

— Ora bem, aqui estamos todos. — Agripina bateu as palmas. — Uma família feliz...

O grupo imperial fez conversa de circunstância enquanto o primeiro prato acabava de ser consumido, e Semprônio gesticulou ao seu chefe de escravos para remover os tabuleiros com a comida. A maior parte da conversa na mesa de honra foi dominada pelo jovem Imperador, e Nero expôs as suas opiniões acerca dos méritos da cultura grega, e da necessidade de levar à vida do povo de Roma mais arte, poesia e música. Era um dos seus temas preferidos, e Semprônio já tinha tido inúmeras ocasiões de o ouvir, sempre que estivera em companhia da família imperial. Já se habituara à grandiloquência de Nero sobre o assunto, e estava para lá de aborrecido.

O Imperador afastou umas migalhas da penugem esparsa que lhe crescia no queixo e que ele insistia em fazer passar por barba, mastigou rapidamente e engoliu, antes de recomeçar.

— Claro que isto não quer dizer que as artes mais refinadas sejam adequadas à turba. Muito longe disso. Embora possam apreciar algum espetáculo de mimos mais atrevido e as canções mais simples, os seus gostos ficam mais bem saciados pelo sangue e suor dos combates de gladiadores e das corridas de quadrigas. Qualquer homem é capaz de gozar tais diversões, mas a sua real medida é-nos dada pela sua capacidade de apreciar as mais finas e mais delicadas atividades que se lhe apresentam. Não concordas, Semprônio?

— Como poderia eu discordar de uma tão clara e inatacável linha de pensamento?

— Precisamente. Por consequência, concluímos que a maior parte dos homens não é capaz de apreciar as artes. Para isso, é necessária uma certa sensibilidade, uma noção de estética, que uma pessoa ou tem ou não tem. Não pode ser ensinada.

— Será mesmo assim? — interveio Britânico, debruçando-se para a frente de forma a ver para lá de Semprônio e ficar bem à vista do seu irmão. — Diz-me, então: será que um homem pode nascer para tocar um instrumento musical, a

lira, por exemplo? Se tens razão, porque será então necessário ensinar a maior parte dos homens a tocar lira?

Nero suspirou.

— Irmão, compreendes tudo de forma demasiado literal, como é teu costume. Claro que é preciso ensinar as pessoas a tocar um instrumento, mas a habilidade para o tocar é inata. Tal como a de cantar.

— Ah, podias então ter tornado isso claro.

Nero franziu um sobrolho.

— Há momentos em que me sinto cansado da tua petulância.

— E há momentos em que me debato para entender a imprecisa expressão dos teus pensamentos, *irmão*. Seria de esperar melhor, depois de Séneca se ter tornado teu mentor e professor.

Os lábios de Nero cerraram-se numa linha fina.

— Temo que esqueças o teu lugar. É ao teu Imperador que te diriges. Cuidado com o que dizes.

— Terei todo o cuidado. Como sempre. E assinalo que nos últimos dias muito alardeaste a tua intenção de governar de forma a permitir a livre expressão de ideias, e de assegurar que as perseguições políticas têm um fim. Tudo como parte dessa “Idade do Ouro” que proclamaste, presumivelmente?

Nero manteve silêncio por momentos, antes de responder.

— Se não te conhecesse tão bem, diria que estás a troçar de mim.

— Nesse caso, é evidente que não me conheces de todo.

— Já te aconselhei a teres cuidado. Há muito que tolero os teus comentários e notas de escárnio, meu querido irmão. Toma cuidado para não ultrapassares as marcas. É verdade que fui educado num lar austero, onde os livros estavam ausentes, enquanto tu eras orientado pelos melhores professores que o teu pai pôde conseguir. É também verdade que os meus primeiros anos foram quase isentos de amor, enquanto a minha mãe se via forçada a ganhar a vida no exílio. Ao mesmo tempo, tu gozavas os prazeres de crescer no palácio, como filho do Imperador. Mas tudo isso mudou. O teu pai — o *nosso* pai — está morto, e eu sou Imperador. Detenho o poder da vida e morte sobre todos os que vivem à minha sombra.

Britânico encolheu os ombros.

— Lá se foi a “Idade do Ouro” da livre expressão.

— Meu querido Britânico, não me pressiones. A paciência de qualquer homem tem limites.

Numa tentativa de manter a paz, Semprônio virou-se para o Imperador.

— Haveis mencionado agora mesmo o canto. Ainda cantais, como

costumáveis fazer em criança? Na minha opinião, mesmo nessa altura, tínheis uma voz magnífica.

Nero encarou-o ainda de cenho cerrado, pouco agradado com aquela manobra para o afastar do confronto com o irmão.

— Sim, ainda canto. Aliás, canto muito bem. Tenho um talento natural para isso.

Britânico mal sufocou uma fungadela de gozo, e Nero estremeceu, como se tivesse recebido uma bofetada.

— Ao que parece, o meu irmão adotivo discorda da tua apreciação sobre a qualidade das minhas capacidades de canto. Talvez ele se ache melhor do que eu. Será isso?

Britânico encolheu os ombros e pegou no cálice de vinho. Sorveu um pouco do líquido e lambeu os lábios. Mas não fez qualquer menção de responder à pergunta. O ar entre os dois jovens estava pesado com toda a tensão, e Semprônio estava verdadeiramente incomodado com o facto de se encontrar entre os dois. Respirou fundo para se acalmar e tentou fazer o silêncio parecer menos ameaçador.

— Já vos ouvi a ambos a cantar, e os dois têm belas vozes. É um talento de que se podem orgulhar.

— Que lugar pode existir para o orgulho quando um talento nos é dado pelos deuses? — ripostou Nero. — Um verdadeiro artista tem que perseverar até alcançar a perfeição que só pode resultar dos seus esforços, e de nada mais. Sem ajudas dos deuses ou de quaisquer humanos. A vida de um artista é de luta perpétua. Poucos homens o compreendem. Mas é o pensamento que me absorve quotidianamente.

— Claro — anuiu Semprônio, em concordância. — Tendes sobre os vossos ombros o peso do mundo, César. Um Império olha para vós como fonte de governo firme e equilibrado. A gente desta grande cidade vê-vos como garantia dos cereais que consome e dos mais extraordinários entretenimentos que se podem encontrar seja onde for no mundo conhecido. Tais exigências são um teste à sabedoria de qualquer homem.

Britânico ergueu as sobrancelhas, num arremedo de compreensão sofrida.

— Mas o meu irmão não é um homem qualquer. Tem uma alma de artista, e sente a morte de qualquer criatura como uma tragédia. Talvez fosse mais aconselhável remover dos seus ombros as entediadas tarefas de um governante, e permitir-lhe dar curso aos seus reais talentos, de forma a que pudesse ofertar ao povo romano as suas palavras e a sua música. Que a sua voz seja repleta de canções, em vez dos éditos de um governante austero.

— Chega! — explodiu Nero. — Já sofri o suficiente dos teus comentários ignóbeis, irmão. Tens o coração de uma serpente. E até a tua voz tem a sua sinistra sibilância... — Fez uma pausa, e uma expressão de astúcia passou-lhe brevemente pelo rosto. — Sabes, meu caro Semprônio, há uma forma de pôr à prova o talento do meu irmão. Um concurso de canto.

— Um concurso? — Semprônio franziu o rosto. — Aqui? Agora?

— Porque não? — Nero levantou-se e pôs-se de pé sobre a poltrona, enquanto batia as palmas para chamar a atenção dos convivas. — Meus amigos! Deem-me a vossa atenção!

Mais uma vez os convivas se calaram e viraram as cabeças para a mesa de honra, com expressões de curiosidade nos rostos.

— Senta-te — ordenou Agripina, num tom sussurrante. — Estás a fazer figura de parvo. Agora és o Imperador, não um mero príncipe. Tens que exibir algum decoro.

— O que eu tenho é de mostrar a este verme que não pode continuar a desafiar-me — ripostou Nero. — Tenho que lhe dar uma lição.

— Mas...

Ele apontou-lhe um dedo em riste.

— Mãe, cala-te.

As sobrancelhas de Agripina curvaram-se, e ela pareceu ter intenção de responder, mas depois avaliou a situação e baixou a cabeça, num gesto gracioso.

— Como queiras, meu querido.

— Precisamente. Como *eu* quero. É a minha vez de dizer às pessoas o que têm a fazer.

Nero levantou a cabeça ligeiramente, para realçar a sua autoridade, e respirou fundo, antes de se dirigir aos convidados.

— Meus caros amigos, já que estamos numa pausa da refeição, e sendo da tradição oferecer alguma diversão nesse momento, resolvi que vos vou oferecer uns momentos de canto. Como sabem, tenho uma certa reputação de ser capaz de manter uma nota. — Sorriu, e nas suas costas Pallas aplaudiu de forma sonora. Agripina acompanhou-o, e Semprônio imitou-a. Outros perceberam depressa, e também se juntaram ao coro de palmas, e depois os mais lentos a entender a situação. O jovem Imperador gozou os aplausos por momentos, antes de agitar as mãos a pedir silêncio à audiência.

— O que não é tão conhecido é que o meu irmão, Britânico, também tem aspirações a tornar-se um cantor.

O príncipe manteve o rosto composto, e contemplou a distância, não dando qualquer indicação de pretender responder às palavras de Nero.

— Como todos os pais sabem, os irmãos gostam de competir, e esta noite eu e o meu irmão vamos cantar para vosso deleite. O melhor cantor será encontrado graças às vossas demonstrações de prazer. E o prémio... — Nero hesitou, e passou os polegares pelos dedos anelados. Deitou um olhar à mãe, e de repente sorriu. — O prémio será este anel!

Antes que ela pudesse reagir, debruçou-se sobre ela, pegou-lhe na mão, e removeu-lhe um anel com um grande rubi, que segurou ao alto.

— Um prémio adequado a um príncipe ou a um Imperador.

Uma breve careta passou pelo rosto de Agripina, mas ela obrigou-se a soltar uma risada ligeira.

Pallas voltou a aplaudir, e os convidados, já mais atentos, imitaram-no imediatamente.

— Sem mais delongas, apresento-vos o príncipe Britânico, que vai interpretar uma canção à sua escolha. Não que eu pense que a escolha possa ser muito alargada, dado o seu limitado reportório. Vá, irmão, canta, canta!

Britânico abanou a cabeça, e respondeu com firmeza:

— Não o farei.

— O que é que disseste?

— Não cantarei. Não para ti.

Nero abanou a cabeça.

— Não é para mim. É para eles.

— Não o farei.

— Fá-lo-ás, sim, irmão. Porque é o teu Imperador quem to ordena, e a palavra do Imperador é lei.

Britânico respondeu com desdém:

— A tua palavra nada significa para mim. A coroa imperial nunca foi tua por direito de nascimento. O meu pai era o Imperador. O teu pai era um bruto dissoluto que mereceu uma morte precoce. Não és da matéria de que são feitos os Imperadores. Ela não está presente no teu sangue.

Nero fitou-o com indisfarçada hostilidade.

— Cuidado, irmão, excedes-te. Dei ao nosso pai a minha palavra de que te protegeria se ele morresse. Mas se continuares a abusar da tua sorte, posso muito bem ser levado ao ponto em que me verei forçado a quebrar essa promessa.

— Não te atreverias. Ainda não. Não enquanto as fundações do teu regime estiverem longe de ser sólidas. Não te atreverias a liquidar-me.

— Ainda não. Mas quem sabe quanto tempo durará esta situação? Um ano, talvez dois. E quando o meu reinado estiver bem firmado, poderei fazer contigo o que bem me aprouver. Até lá, não te provocarei danos. Mas

posso facilmente infligir danos aos que te são próximos. — Virou-se para um dos guardas pretorianos que estavam ao pé de Pallas. — Tu, pega na espada e coloca-a na garganta daquele miserável. — Indicou o guarda pessoal de Britânico. Este lançou um olhar ao seu senhor mas, antes que pudesse reagir, o pretoriano já tinha desembainhado o gládio e aproximara-se dele, erguendo a ponta da espada até ela se ajustar mesmo por baixo do queixo do homem. O outro guarda pôs-se por trás do guarda pessoal, agarrou-lhe as mãos, puxou-as, e segurou-as com toda a força. O homem olhou para Britânico, implorando.

— Deixa-o — ordenou o príncipe.

— Assim farei, se cantares. Se não o fizeres, ele morre.

Semprônio, que se tinha mantido imóvel e em silêncio durante a troca de palavras, tossicou e olhou para o Imperador.

— Majestade imperial, esta é a minha casa. Estes são os meus convidados. Não é o lugar para derramar sangue. Peço-vos, libertai o homem. Apreciai a refeição. Já tomei medidas para termos música e cantores. Não há necessidade disto.

— Eu ordeno-o. É toda a necessidade que existe. E agora, então, meu irmão, canta. Se queres que o teu homem viva.

Britânico cerrou as mãos e baixou a cabeça, como se estivesse a solicitar aos deuses que intervissem e pusessem fim ao confronto. Depois os ombros do jovem descaíram e ele assentiu para si mesmo. Deslizou para fora da poltrona, dirigiu-se ao espaço livre entre as mesas, e compôs-se. Ninguém disse palavra. Ninguém se mexeu. Todos o observavam, à espera que obedecesse à exigência do seu irmão adotivo.

Britânico endireitou as costas, levantou o queixo, inspirou profundamente e começou. A sua voz era límpida, e ele cantou num tom melódico e doce.

*Acordo com os raios do Sol nos olhos,
Banho-me no quente abraço do dia,
Levanto a cabeça do leito e ergo-me,
E de coração pesado, sigo a via.*

*Por uma carta salgada pelas lágrimas,
Da distante Britânia a casa sou chamado
O fim dos combates, o fim das viagens,
Não mais aquilo que fui, um soldado.*

*Leva-me a honra a chorar a perda,
O coração partido pela morte,
De quem me deu vida e vereda,
De quem suspirou meu nome.*

*Agora, junto ao destino de toda a vida,
Onde uma mãe aguarda pelo filho,
A família unida para o eterno descanso
Honra ao meu pai e ao seu brilho...*

Prolongou a última palavra e deixou a voz desvanecer-se lentamente, enquanto baixava a cabeça.

Ao fim de curtos momentos, alguém começou a aplaudir, e Semprônio olhou em redor, descortinando Vespasiano a bater palmas entusiásticas, enquanto acenava em sinal de aprovação. Outros se lhe juntaram, até que praticamente todos os convidados prestavam tributo ao desempenho do jovem. A princípio, o príncipe não mostrou qualquer reação, mas à medida que o ruído crescia, levantou de novo a cabeça e acenou à audiência, em agradecimento. Por fim, virou-se lentamente para a mesa de honra e encarou diretamente Nero. O Imperado estava rígido de fúria, os punhos cerrados com força junto ao corpo, enquanto via o irmão adotivo regressar à sua poltrona. O aplauso morreu e Agripina pegou na mão do filho e apertou-a para lhe chamar a atenção.

— Pelos deuses, diz qualquer coisa. Não fiques aí espedado.

O feitiço quebrou-se e Nero afrouxou a tensão e ergueu uma das mãos.

— Uma bela canção, interpretada de forma comovente pelo meu querido irmão. Tão comovente, que temo que me tenha tocado profundamente. São também meus, esses sentimentos pelo pai que ambos perdemos tão recentemente. — Levou as costas da mão aos olhos, como que para os esconder, e os ombros deram um sacolejo teatral. — De facto... Estou demasiado repleto de mágoa pra conseguir cantar neste momento. O que é uma tragédia em cima de outra. Teria cantado uma ária capaz de vos pôr todos a chorar de emoção. Contudo, uma audiência não tem uma capacidade ilimitada para absorver tanta emoção, e não quero adicionar mais àquela que o meu irmão vos colocou nos corações. Por que isso vos deixaria a todos de coração partido. Será melhor poupar-vos a tamanhas lágrimas... Ainda assim, não há qualquer dúvida de que a minha capacidade de canto é muito superior à do Britânico, portanto sou eu o vencedor do concurso. — Lançou o anel ao ar e apanhou-o de novo, cerrando o punho em torno dele. — O prémio é meu.

— Bravo! — soltou Pallas imediatamente. — Sua majestade imperial triunfa!

— Como se alguma vez tivesse havido dúvidas quanto a isso. — Nero rodou as pernas e levantou-se da poltrona. — Mas vem, meu pequeno irmão, tenho um prémio especial para ti. Não regressarás ao palácio de mãos vazias.

Britânico notou que o seu guarda pessoal ainda estava sob ameaça dos pretorianos, e deu ao homem uma subtil indicação de que não devia resistir. Nero colocou um braço sobre os ombros do jovem e conduziu-o para longe dos convidados, por uma vereda pavimentada que seguia por entre dois canteiros de flores, na direcção de uma área rodeada por sebes nas traseiras do pátio. Semprónio fitou-os ansioso, até que Agripina limpou a garganta e falou.

— Bem, já tivemos a nossa pequena diversão. Não é altura de ser servido o prato seguinte? No fim de contas, um bom anfitrião nunca deixa os seus convidados à espera, não é?

— As minhas desculpas, alteza imperial. — Semprónio fez um gesto para atrair a atenção do chefe dos escravos. Croton desatou imediatamente a dar ordens aos outros escravos, e pouco depois o primeiro emergiu das cozinhas com pratos de prata limpos, que colocou à frente dos convivas. Outros escravos surgiram com bandejas de carnes assadas, peixe e queijos. A primeira foi apresentada à mesa de honra, e Semprónio indicou discretamente a Imperatriz, de forma a que o escravo colocasse a sua carga directamente à frente dela.

— Ah! Patinhos assados. E, se não me engano, com cobertura de garo tostado.

— Muito bem, alteza. Uma especialidade do meu cozinheiro.

— Mal posso...

Foram interrompidos por um grito vindo do fundo do pátio. Semprónio espreitou por cima do ombro, no preciso momento em que outro grito, mais alto, atravessou o ar noturno.

— Por favor! — pediu a voz de Britânico. — Por favor, não! Não!

A sua súplica foi respondida por uma gargalhada do seu irmão adotivo.

Semprónio fez menção de se levantar, mas hesitou, olhando para Agripina e depois para Pallas, à espera de uma indicação. Nenhum dos dois tinha reagido aos gritos, dando ideia de que os ignoravam simplesmente.

— Como eu dizia — retomou Agripina —, mal posso esperar para lhes cravar os dentes. — Pegou na faca e trinchou uma das pequenas aves, colocando-a no prato e começando a debicar a carne.

— Não! — voltou Britânico a bradar. — Nãããooo!

O senador olhou à volta, procurando ajuda entre os outros convivas, mas

quase todos se limitavam a olhar em frente, sem se manifestarem. Só Vespasiano se tinha sentado, de expressão irada, enquanto se preparava para se erguer. Mas antes que ele se pudesse mexer, Domicia esticou o braço e pegou-lhe na mão, puxando-o com firmeza para o assento ao seu lado. A outra única reação veio de um ancião de aspeto seco, numa túnica de senador, que olhou em redor furibundo, antes de erguer a voz.

— Ninguém vai fazer nada? Ninguém?

Agripina ergueu um dedo e apontou-lho.

— Senador Amorilo, por favor, não faças escândalo. Estás a dar cabo da atmosfera. O cozinheiro do Semprônio estraga-nos com mimos. Posso garantir-vos. Este pato está simplesmente delicioso. Devias experimentar, em vez de fazeres uma cena. — O tom dela endureceu. — Senta-te.

Os sons do fundo do pátio continuaram, crescendo de intensidade, enquanto Britânico implorava e pedia piedade. De vez em quando Nero soltava uma imprecisão ou ria-se em troça, e durante todo esse tempo os convidados, à exceção de Amorilo, obrigavam-se a debicar a comida, sem conseguirem sequer manter um arremedo de conversa entre eles. Por fim, os gritos diminuíram de volume. Ouviu-se um último e selvagem grito de êxtase de Nero, e um profundo grunhido animal, e depois tudo o que se ouviu foram os soluços do rapaz mais novo.

Semprônio arriscou uma espreitadela sobre o ombro e viu o Imperador a emergir de entre as sebes para a penumbra da luz vinda dos braseiros e tochas que iluminavam o festim. Nero deteve-se, ajustou a túnica e puxou a bainha para baixo, caminhando para junto dos convivas, o rosto rebrilhante de suor. O senador afastou apressadamente o olhar enquanto as botas do jovem pisavam a gravilha. Nero deteve-se junto à poltrona, mas não fez qualquer menção de retomar o seu lugar para prosseguir a refeição. Dirigiu-se brevemente aos pretorianos e ordenou-lhes que soltassem o guarda pessoal do irmão. Estes obedeceram, e o guarda que tinha prendido as mãos do homem por trás das costas deu-lhe um empurrão e um pontapé por trás dos joelhos, fazendo-o tombar.

— Mãe, já me diverti o suficiente por aqui. O meu irmão recebeu uma lição que não me parece que possa esquecer tão depressa. Agora estou cansado e quero ir dormir. Vamos regressar ao palácio.

— Tão depressa? — Agripina soltou outro bocado de carne da carcaça da ave e colocou-o na boca. — Podemos com certeza acabar a refeição primeiro?

— Agora mesmo, mãe. Estou farto.

Nero apercebeu-se de que todos olhavam para lá dele, e deitou uma olhadela para as suas costas, avistando Britânico, que saía de entre as sebes, a

cambalear. Tinha os joelhos arranhados e ensanguentados, e cada passo que dava fazia-o estremecer, enquanto tentava limpar as últimas lágrimas dos olhos.

— Isto é um ultraje! — explodiu Amorilo. — Um ultraje inaceitável. Mais ninguém vai dizer nada? Ninguém? — Olhou em volta para os outros convivas, desafiando-os. Mas nem um dos presentes se atreveu a responder. Um dos seus amigos implorou-lhe que se calasse. Amorilo cuspiu, revoltado. — Cobardes! Todos uns cobardes! A isto desceu Roma? Vamos ficar sentados sem nos mexermos, enquanto são cometidos atos ultrajantes tão perto de nós que os escutamos, e fingimos que nada sucede, então?

Não obteve resposta, e Nero soltou uma risada.

— Oh, velho tolo, vê se te calas. Foi apenas uma ligeira diversão. Brincadeiras de rapazes, nada mais.

— Brincadeiras? — ripostou Amorilo. — Fosse eu um jovem de novo, dava-te uma tarefa que te deixava meio-morto. Vem, Júnia, vamo-nos embora. — Pegou na mão da esposa e debateu-se para a ajudar a levantar-se, e por fim o idoso casal rodeou as poltronas sem soltar outra palavra e desapareceu pelo corredor que levava à entrada da casa.

Agripina chamou discretamente Pallas ao seu lado, e o liberto inclinou-se para ouvir o que ela lhe segredava. Pallas anuiu e recuou para dar ordens a dois dos pretorianos, que saíram a correr em perseguição de Amorilo e da esposa. Depois a Imperatriz levantou-se, deu o braço ao filho, e o par, seguido por Pallas, deixou a festa, sem sequer agradecer a Semprônio a sua hospitalidade, nem dizer adeus aos seus convidados. Britânico deteve-se a meio da vereda e deixou-se cair num banco de pedra, com a cabeça entre as mãos, os ombros a agitarem-se devido a um novo acesso de soluços. O guarda pessoal do príncipe apressou-se a ir ter com ele, e ajoelhou-se à sua frente, tentando oferecer-lhe algum conforto.

Outro dos convivas ergueu-se e saiu, e outros o imitaram, num fluxo constante, apressando-se a saudar Semprônio, que se despedia deles com um ar encafudado.

— O que dizes agora? — indagou Domícia, enquanto lhe oferecia a mão. Olhou em redor para ter a certeza de que ninguém os escutava. O marido estava a conversar em surdina com três outros senadores, a alguns passos dali.

Semprônio abanou a cabeça.

— Vocês estão a brincar com o fogo. Não quero tomar parte em nada do que planeiam. Já foi suficientemente mau terem envolvido a minha filha. Nunca vos perderei por isso.

Domícia não se deixou comover.

— A Júlia fez o que fez por amor a Roma. Nunca te esqueças disso. Se ao menos uma fração dos da sua classe tivessem a coragem e o bom senso de fazer o mesmo, nenhum de nós teria que mais alguma vez ser testemunha do tipo de coisa a que assistimos esta noite. É assim que começa, Semprónio. Vimos o mesmo com o Calígula, e, antes dele, com o seu vil tio, o Tibério. Nem o Cláudio estava imune ao traço de cruel despotismo que corre na família.

— Não quero ouvir nada disso. Não quero saber. O que estás a referir é traição, e pode levar-nos a todos à morte. E não apenas aqueles que se opõem a Nero. Vais colocar em risco outros, que nada têm a ver com isto. Pessoas como o teu esposo. Os acusados de traição raramente são as únicas vítimas.

— Traição? — Domícia fungou. — Pensava eu que traição queria dizer um ultraje ao teu Estado. Semprónio, há quase cem anos que andamos a trair Roma. Traímos o que é o nosso direito por nascimento no momento em que permitimos que os Césares passassem o poder em Roma de geração em geração, como se fosse uma herança familiar. E olha aonde isso nos trouxe. Vivemos sujeitos aos caprichos de homens loucos e cruéis, que nos tratam como se fôssemos moscas, e eles deuses. Se ao menos o Vespasiano não fosse tão honrado, também ele estaria connosco. Temos que nos livrar destes Imperadores.

— Desta vez vai ser diferente — contrariou Semprónio, em desespero. — O Nero prometeu devolver o poder aos tribunais e ao Senado.

— E acreditas nele? Todos os tiranos prometem ser benevolentes quando chegam ao poder. E alguma vez ouviste falar de um que tenha mantido essa promessa? Não? Pois, foi o que eu pensei. Nero não é diferente. Só um tolo pode acreditar nisso. Ele é parte da doença que aflige Roma. Todos os Imperadores abusaram do poder, para satisfazer os seus mais baixos instintos e escandalizar a sociedade romana. O que me preocupa é que, se isto continuar por muito tempo, acabemos por nos habituar a esses excessos e os aceitemos sem questionar.

Semprónio acenou na direção de Britânico.

— Achas que ele seria diferente?

— O Britânico acredita na República. Tal como o seu pai, nos tempos finais. Por isso é que Cláudio foi assassinado.

— Dizes tu.

Domícia olhou-o nos olhos e deu um estalido com a língua.

— Semprónio, não podes ficar quieto no teu canto para sempre. Um dia, vais ter que escolher um lado.

— Posso esperar por esse dia.

— Não me parece. Ele vai chegar mais depressa do que pensas. E, nessa

altura, tudo o que vai importar é de que lado estás. Será tudo para o vencedor, e todos sabemos o que acontece aos perdedores nesses casos. Pensa nisso. — Debruçou-se para ele ao notar a aproximação do marido, e aplicou um polido beijo na bochecha de Semprônio. — Boa-noite, meu caro senador.

Enquanto ela se afastava, Vespasiano trocou um aperto de braços com o seu anfitrião, e comentou:

— Foi uma noite... acidentada, diria eu, pelo menos.

— De facto. A tua esposa e eu estávamos precisamente a discuti-lo.

— Vamos deixar-te. Vejo-te amanhã no Senado, calculo?

— Lá estarei.

Vespasiano deu meia-volta e indicou Britânico.

— E quanto a ele?

— Tratarei de garantir que ele regressa ao palácio sem problemas.

— Excelente.

Vespasiano colocou uma mão na cintura da esposa e conduziu-a para a entrada da casa.

— Estou certa de que nos veremos de novo, e depressa — avisou Domícia.
— Aguardo ansiosamente por essa ocasião.

Semprônio sorriu sem vontade, e esperou que os seus convidados desaparecessem, antes de se deixar abater sobre a poltrona, enquanto esfregava a testa.

— Por todos os deuses — disse para si mesmo. — O que vou eu fazer? O quê?